

## **O VALE DE LOBOS: O DRAMA DA EXEMPLARIDADE NA HISTORIOGRAFIA DE OLIVEIRA MARTINS**

Gabriella Campos Mendes (Mestranda em Literatura Portuguesa, UERJ

e professora do Colégio de Aplicação da UERJ)

[gabriellamendes@yahoo.com.br](mailto:gabriellamendes@yahoo.com.br)

**RESUMO:** Em *Portugal Contemporâneo* Oliveira Martins, partindo do conceito de História como lição de moral, busca figuras de exemplaridade que validem seu posicionamento histórico e personifiquem uma essência do homem português e encontra, em Alexandre Herculano, a caracterização dessa essência pela coincidência de sua ideologia e vida social, manifesta, sobretudo, pelo ato de isolamento.

**Palavras-chave:** Historiografia portuguesa, ficção histórica, Romantismo português.

O século XIX, palco das transformações marcadas, sobretudo, pelo progresso da burguesia e pela emergência das teorias positivistas e das possibilidades de explicação do mundo e das coisas através da teorização imparcial, ao ser o terreno fecundo para o surgimento do romance – gênero – e do Romantismo – escola – verá na sua produção intelectual a manifestação do pensamento positivo, como o comtiano.

A ideologia positiva permite, por exemplo, que alguns gêneros sejam validados e, pode-se dizer que só a partir desses ideais é concebível o estudo da História. Se até o Iluminismo, a propagação de conhecimentos acerca de um passado se dava, principalmente, pela oratória e havia a indistinção entre literatura e história, é no século

XIX que uma historiografia se firmará. A partir da dialética hegeliana, do ideal progressista, do entendimento de História como ciência que, enquanto tal, deveria abandonar tudo que fosse relativo à imaginação, atendo-se ao documental, e do vislumbre da análise de uma sociedade a partir do método científico, que a historiografia surge no mesmo período que o romance.

A relação ambígua entre esses dois gêneros – romance e historiografia – que, inicialmente, são apartados pela revolução positiva vai caracterizar uma nova configuração de literatura, que se fundamentará em dados históricos: se antes as façanhas de um povo eram cantadas e a própria literatura era evidência do acontecimento histórico, como nas epopeias, a partir do século XIX, tais façanhas serão contadas através do romance histórico, o qual se pautará em dados documentais para sua elaboração. A influência dos estudos históricos na produção literária será um dos pontos principais para posteriores reflexões acerca da indissociabilidade do relato histórico e do texto literário, como sugeriu Alexandre Herculano na introdução de *Eurico, o Presbítero*: “E por isso mesmo que sobre ella [a história] pesava o mysterio, a imaginação vinha ahi para a suprir”. (HERCULANO, 1847, p. 9)

A análise das narrativas classificadas como históricas, muitas vezes suscita questionamentos acerca da validade estética de um texto desta natureza e da dificuldade em classificar como literário um texto que se propõe, a priori, a narrar fatos que poderiam ser considerados “reais”, enquanto a literatura estaria para a ficção.

Ao considerar, no entanto, que o grau de realidade das coisas só pode existir através da percepção de uma entidade através dos sentidos, como muito claramente explica Fernando Pessoa em sua máxima “Todo objeto é uma sensação nossa;” (PESSOA, 1966, p. 137-138), fica evidente que a narrativa histórica pode possuir valor

estético e importância literária e deve, portanto, ser analisada como tal, conforme elucidada Hayden White ao afirmar o que é a narrativa histórica: “ficções verbais cujos conteúdos são tão *inventados* quanto *descobertos* e cujas formas têm mais em comum com os seus equivalentes na literatura do que com os seus correspondentes nas ciências.” (WHITE, 1994, p. 98, grifos do autor).

No caso português, especificamente, o romance histórico será o gênero de maior visibilidade dos primeiros momentos de um Romantismo em Portugal, especialmente ao considerar o romance herculiano *A Voz do Profeta* como a primeira obra Romântica por excelência, em vista da não repercussão imediata da obra de Almeida Garrett *Camões*, publicada, inclusive durante a emigração do poeta em Paris.

O Romantismo, enquanto escola, ou talvez seja possível dizer enquanto supraconceito, em Portugal, estabelece-se tardiamente. Ao considerar como “obra inaugural” do Romantismo as *Baladas Líricas* de Wordsworth e Coleridge, de 1798, vê-se uma diferença aproximada de três décadas. Quando uma literatura romântica portuguesa é escrita, já havia a teorização sobre o próprio fazer literário romântico. Herculano antes de escrever *A Voz do Profeta* já havia publicado artigos na revista *Repositório Literário da Sociedade das Ciências Médicas e de Literatura do Porto* acerca da teorização sobre o Romantismo de Friedrich Schlegel publicada na revista alemã “Athenaeum”.

O que ocorre em Portugal é uma evidente marca das contradições inerentes à literatura romântica: se é no Romantismo que conceitos como o de gênio individual e inspiração surgem, é também nesse período que, com a finalidade de se distinguir de outros autores, o romântico passará a pensar no próprio ato de escrever. A reflexão sobre a escrita gera uma teoria sobre o fazer literário e, conseqüentemente, a literatura

romântica passa a carregar sua própria teorização. Assim sendo, ao pensar no exemplo português, verifica-se que a teoria da literatura romântica feita por autores e críticos outrem, surge como influência anterior ao próprio fazer literário e então as obras serão construídas sob um supraconceito de fazer-romântico que é apropriado pelos escritores portugueses, cujas obras deverão ser manifestação deste pensamento. Entende-se, no entanto, que, diferentemente das obras pré-românticas, não há mais uma produção artesanal sobre fórmulas de um fazer-literário, justamente porque os românticos buscam a singularidade de suas obras e reconhecimento da autoria, mas há a fundação dos conceitos do que seria arte literária a partir da obra em si, ou seja, a teoria romântica surge na literatura portuguesa como um vulto sobre aquela produção, mas não como um *modus faciendi*.

Neste sentido, a primeira fase da literatura romântica em Portugal, que se materializará no romance histórico, com caráter notoriamente nacionalista - o que se manifesta nitidamente, por exemplo, na evocação de um passado medieval - faz-se fundamental para o entendimento sobre as tendências do romantismo português, e, principalmente, para perceber como esse gênero surge como necessidade de instauração de uma exemplaridade, trazendo à tona uma definição do que seria, idealmente, o espírito português. A retomada de um passado - que se dará amplamente através de modelos da narrativa histórica como os de Victor Hugo e Walter Scott - surge como ressurreição dos mortos que, através da evocação de sua voz, voltam a falar.

A figura exemplar só pode ser entendida, por sua vez, como uma imposição absoluta de ideal própria do texto literário, que, como toda obra de arte, caracteriza-se como fundador de uma ética. Sendo assim, a personagem exemplar de Eurico, por exemplo, cria um paradigma de um espírito heróico, na medida em que Eurico ressuscita

os valores do passado que virão a avultar qualquer tempo posterior àquele *chronos* imemorial da obra. O Romantismo se apropria do que é historicamente irrefutável, como a necessidade de garantir a manutenção da *Virtu*, por exemplo, em uma personagem heróica, mesmo que seu destino seja inexoravelmente o de ser mártir.

Neste ensejo, Oliveira Martins, fortemente influenciado pela historiografia de Michelet, acredita que a História é uma expressão da própria Liberdade, o testamento da liberdade dos homens. Entretanto, ao contrário do historiador francês, Martins tem uma visão assumidamente pessimista. O pensamento que se emparelha entre os dois autores é a concepção da História como uma lição de moral, ou pode-se dizer, como uma tragédia, uma vez que a abordagem moralizante da tragédia – refutada, posteriormente, por Nietzsche em *O Nascimento da Tragédia* – era paradigmática e o próprio Oliveira Martins define sua obra como um drama: “Eu não apresentei récipe pelo motivo simples de que Portugal Contemporâneo não é um livro de partido, nem de polémica, nem de revolução: é um livro de História, conforme eu entendo que a História deve se escrever, como quem escreve um drama.” (MARTINS, 1953, Tomo I, p. 24).

Assim sendo, Oliveira Martins adota uma postura literária para sua historiografia: à medida que se preocupa com a caracterização das personagens envolvidas nos trâmites políticos portugueses, destacando seus vícios e virtudes, o historiador dramatiza a história, aproximando-a do literário e cunhando o ‘literal’, ou seja, estabelecendo, a partir da literatura, uma perspectiva infável para a leitura do texto histórico, construindo perfis biográficos a partir do gesto artístico da criação de personagens que apresenta a descrição ficcional como imposição sobre o conhecimento de pessoas da realidade. Martins descreve, por exemplo, o vaidoso D. Pedro:

D. Pedro contava então trinta anos e nada conhecia de Portugal, donde saíra aos doze [...] D. Pedro, moço aventureiro filho dos reis, admirava os feitos românticos dos homens novos. Se a imagem de Napoleão, que tanta gente enlouqueceu, não lhe servia talvez de modelo por já ser antiga, a América tinha em Bolívar outro Napoleão; e D. Pedro considerava-se um Bolívar, com a superioridade incontestável, para ele, de ser do sangue dos reis. (Idem, p. 44)

Ainda sobre a opção estética da historiografia de Oliveira Martins, em “História da Literatura Portuguesa”, lê-se:

Sob Influência de Michelet, Oliveira Martins quis fazer das suas obras históricas, além de uma exposição concatenada de ideias ou de factos, uma verdadeira ressurreição de mundos desaparecidos. [...] A incontestável sugestão artística das obras de Oliveira Martins não provém da evocação plástica, mas da movimentação dos quadros [...] Os homens passam movendo-se no se gesto característico – “um homem é um momento”, escreveu; [...] Oliveira Martins compôs assim verdadeiros poemas em prosa, organização de um mundo íntimo. As personagens e os acontecimentos são notas ou motivos desse fluir musical, vogando na sua corrente, aglomerados no movimento geral e não ligados por nexos resultantes da sua própria realidade. De facto, essas personagens e esses acontecimentos são “símbolos”, “sombras levadas pelos ventos sábios do destino”, segundo uma sua expressão. [...] Se a História de Portugal é a mais poética composição de Oliveira Martins, o Portugal Contemporâneo é a que oferece quadros mais poderosos e de maior relevo plástico. (LOPES E SARAIVA, 1995, p. 914-916).

A tragédia portuguesa precisa, no entanto, de um herói. Por necessidade de apontar um carácter louvável, recorrer-se-á a uma figura exemplar, que, será o próprio Alexandre Herculano, o qual se diferencia dos outros do seu tempo por guardar uma consciência moral que coincide com sua vida social e política e que é descrita como filosofia estóica. Oliveira Martins, posterior ao fundador do Romantismo português,

escreve sua obra após a morte do poeta-historiador e, ao escrever o drama português do século XIX, arremata sua obra com a descrição da vida e obra de Alexandre Herculano.

No livro sexto do terceiro tomo de sua historiografia de 1881, intitulado “A Regeneração”, Martins intitula o primeiro capítulo de “Alexandre Herculano”, subdividido em três partes: “A última revolta”, “O fim do Romantismo” e “O solitário de Vale de Lobos”. A construção de Herculano como personagem obedece a uma lógica dramática, feita a partir da caracterização de seu gênio e aparência “O seu gênio produzia seu pensamento. Era uma inteligência lúcida enquistada em fórmulas duras, e um coração bondoso e meigo, encoberto pela educação, sob um exterior rígido e aparentemente hostil” (MARTINS, 1953, Tomo III, pg. 175) e de seu caráter:

Assim, a palavra que o retrata é o Carácter, porque nele a vida moral e intelectual eram uma e única: contrário do céptico, não raro santo o próprio do estóico, não raro obtuso. [...] Dizemos pois Carácter no sentido e valor que a palavra teve na Antiguidade [...] que consiste essencialmente na afinação perfeita das regras da moral e dos princípios da inteligência, da vida do cidadão e da existência do filósofo. (Idem, pg. 177)

A construção de uma personagem literária baseada em uma figura histórica é uma prática comum para o poeta-historiador, mas em Oliveira Martins, o próprio Herculano é literalizado e, pela sua posição de destaque no livro “A regeneração” fica óbvio ao leitor que a análise da história leva à conclusão de que aquele Portugal descrito, cujo símbolo é Herculano, é “o remorso vivo de uma nação degenerada” (MARTINS, 1953, Tomo III, p. 179) que rumina os erros passados.

Essa atribuição de um caráter estóico a Herculano, no entanto, não se dá de forma gratuita. Ao afirmar que sua vida se afina à ideologia, Martins refere-se ao fato do autor

do *Eurico, o Presbítero*, soterrado pela política que se afirmava no conflituoso período de instauração da república, ‘suicidar-se’ socialmente, isolando-se do mundo e abandonando a vida política por não compactuar com a ideologia da ordem que se firmava, sendo, portanto, para Oliveira Martins, o último homem a encerrar o verdadeiro caráter português.

Essa trajetória é a evidência de um destino trágico: a atitude de Herculano vai definir um paradigma para o ser-português: a metáfora do isolamento guarda o destino trágico do suicídio estóico como única forma de manutenção de caráter.

O isolamento, que é descrito na “Advertência” que introduz a primeira edição de Portugal Contemporâneo, como “situação que convém ao escritor” seria um tipo de “rito genético”, conforme terminologia de Maingueneau, que valida à obra a partir de certos posicionamentos: “Mediante seu modo de inserção (ainda que por auto-exclusão) no espaço literário e na sociedade, o escritor atesta seu posicionamento, a convergência entre uma maneira de viver e escrever uma obra.” (MAINGUENEAU, 2006, p. 160)

Dentro da ideia de metáfora do isolamento, é possível abarcar outras metáforas que se apresentam na relação dialógica entre as obras dos dois historiadores – e românticos – portugueses. O suicídio estóico de Alexandre Herculano, ou seja, a sua reclusão social, se dá quando esse se muda para a isolada cidade de Vale de Lobos, e se forem pensados os inúmeros sentidos revelados por este nome, perceber-se-á que algumas relações poderão ser feitas a um conceito de um “Vale de Lobos”.

Em *Eurico, o Presbítero*, frente à invasão moura, os cavaleiros mais virtuosos que compõem uma resistência juntam-se a outro cavaleiro, Pelágio, um nobre godo que habitava uma caverna em Covadonga. A análise geográfica de Covadonga, conforme descrição no capítulo XIII é de “serranias e vales profundos, onde por ventura até então



nunca soara a voz humana” (HERCULANO, 1847, p.159). É, no entanto, do vale de Covadonga que a voz humana ecoará para a posterioridade: o exemplo que a vitória da Batalha de Covadonga deixa para os cristãos da Reconquista, o exemplo que a ação de Eurico deixa para o povo português e o exemplo que Alexandre Herculano - não no vale de Covadonga, mas no Vale de Lobos - deixa para os outros escritores portugueses, fazem parte de um eco, das vozes dos mortos insistentemente ressuscitadas e que não podem ser ignoradas.

Como no teatro grego, no qual a representação de uma Tragédia obedecia a uma simbólica característica física, no vale, a voz vem de baixo para cima. Em uma simbolização ainda mais ampla, cabe o pensamento de que um livro aberto é, sempre, um vale, que fala de baixo para cima e tem, em seu meio, um abismo branco.

O Vale dos Lobos, assim como o Vale de Covadonga, mantém seu eco em reverberação constante e esse eco, ou esse uivo dos lobos dos vales, vai servir de sombra, de princípio ético e de destino para qualquer conceito que se possa ter de uma essência de um ser-português: “Oh, quantas vezes esse pensamento tenebroso e repugnante me tem feito vaguear louco pelas montanhas, uivando como lobo cerval e tentando despedaçar os rochedos com as mãos, d’onde me goteja o sangue!” (HERCULANO, 1847, p. 45).

Se assim é, se Eurico está para os povos germânicos como Alexandre Herculano está para o povo português do século XIX, só é possível estabelecer uma concepção do espírito português, que o autor do *Monasticon* busca em um passado ancestral, a partir do enlace entre essas duas personagens da literatura portuguesa, buscando nelas um ponto de contato que assegure a manutenção de uma essência de um ser-português a partir da imagem de exemplaridade que virão a impor ao romance histórico em Portugal.

**ABSTRACT:** In *Portugal Contemporâneo* Oliveira Martins, starting from the concept of History as a moral lesson, searches images of exemplarity which could validate his historical position and personify the essence of the Portuguese man and he finds, in Alexandre Herculano, the characteristics of such essence due to the coincidence of Herculano's ideology and social life, shown, mainly, by his isolation.

**Keywords:** Portuguese historiography, historical fiction, Portuguese romanticism.

## REFERÊNCIAS

BUESCU, Helena Carvalhão, Heróis, romances e histórias: a propósito do Presbítero Eurico. *A Lua, a Literatura e o Mundo*. Lisboa: Cosmos, 1995.

CATROGA, Fernando. História e ciências sociais em Oliveira Martins. *História da História em Portugal sécs. XIX-X*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1996.

COMTE, Auguste. *Opúsculos de filosofia social*. Porto Alegre: Globo/EDURS, 1972.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Fenomenologia do Espírito*. Petrópolis: Vozes, 2005.

HERCULANO, Alexandre. *História de Portugal – Introdução*. Lisboa: Ulmeiro, 1980.

\_\_\_\_\_. *O Monasticon* – Tomo I. Lisboa: Livraria Bertrand, 39ª edição, s/d.

\_\_\_\_\_. *Eurico, o Presbítero*. Lisboa: Livraria Bertrand, 41ª edição, s/d.

\_\_\_\_\_. *Eurico, o Presbytero* - 2ª ed. - Lisboa: Imp. Nacional, 1847. Disponível em prlt.pt/294.

LOURENÇO, Eduardo. Lembrança de Oliveira Martins - história e mito. *Oliveira Martins e os críticos da História de Portugal*. Lisboa: IBNL, 1995.

MAINGUENEAU, Dominique. *O Discurso Literário*. Trad. Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.

MARINHO, Maria de Fátima. *O Romance Histórico de Alexandre Herculano*. Lisboa: Horizonte, 1970.

MARTINS, Joaquim Pedro de Oliveira. *Alexandre Herculano*. Lisboa: Horizonte, 1970.

\_\_\_\_\_. *Portugal Contemporâneo*. Tomos I, II e III. Lisboa: Guimarães e Cia. Editores, 7ª edição, 1953.

\_\_\_\_\_. *História de Portugal*. Lisboa: Guimarães e Cia. Editores, 1942.

NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira; OLIVEIRA, Paulo Motta; DAVID, Sérgio Nazar; FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz. (orgs.) *Literatura e Política em Portugal (1820-1856)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PEREIRA, Leonardo A; SECCO, Lincoln. O Sentido de História para Alexandre Herculano (Diálogos Românticos). *Anais do Seminário de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de Londrina*, 2008.

PESSOA, Fernando. *Páginas íntimas e de auto-interpretação*. Lisboa: Ática, 1966.

SARAIVA, António José. *Herculano Desconhecido*. Amsterdã: Editora Europa-América, 1971.

\_\_\_\_\_. *Herculano e Liberalismo em Portugal*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1977.

\_\_\_\_\_ e LOPES, Óscar. *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Editora, 1975.

WHITE, Hayden. *Meta-História: A imaginação histórica do Século XIX*. São Paulo: Edusp, 1995.

\_\_\_\_\_. *Trópicos do Discurso: Ensaio sobre a crítica da cultura*. São Paulo: Edusp, 1994.